



Carlos de Assumpção

“É preciso que sabíamos
Muita coisa sobre a origem
De tanta dor tanto tombo
Dos males que nos afligem

O homem negro é como o boi
Não sabe a força que tem
Se soubesse não levava
Chicotada de ninguém.”



Carlos de Assumpção

PROTESTO e outros poemas



4ª edição

PROTESTO

e outros poemas

Carlos de Assumpção

Carlos de Assumpção



PROTESTO

e outros poemas



4ª EDIÇÃO
FRANCA-SP • 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Assumpção, Carlos de

Protesto e outros poemas / Carlos de Assumpção – Franca (SP) : Ribeirão Gráfica e Editora, 2015.

156 p.

ISBN 978-85-7681-264-7

1. Literatura brasileira – Poesias
2. Poesia brasileira

CDD 869.915

© 2015 by Carlos de Assumpção -
Todos os direitos reservados.

e-mail: carlosdeassumpcao@Yahoo.com.br

desenho 1ª edição : Marco Antônio Russi

capa 4ª edição: Edmo Ferreira Júnior

Revisão: Regina H. Bastianini, Lucas Lemos e Camila Tomé

Orientador editorial: Prof. Luiz Cruz de Oliveira

Ribeirão Gráfica e Editora

Rua Estevam Marcolino, 561

14405-333 – Franca-SP

Pabx (16) 3722-8237

fernandarge@hotmail.com

Impresso no Brazil/Printed in Brazil

*À memória de meus pais:
Matheus Carlos de Assumpção e
Sebastiana de Souza Campos
Assumpção, meus três primeiros profes-
sores de negritude.*

*A meu avô materno Cirilo de
Moura Campos.*

*A Dalmo Ferreira, Israel de Cas-
tro, Jaime de Aguiar, Jorge Prado
Teixeira, Ovídio Pereira dos Santos,
Solano Trindade (poeta maior) (in
memoriam) e ao Grupo Veredas.*

APRESENTAÇÃO

Ler um livro como este, de Carlos Assumpção, não é somente se emocionar à contundência de sua poética.

É sobretudo um desafio a que se busque, no curso histórico, sociológico e mesmo psicológico do desenvolvimento da sociedade brasileira, todo esse tom rebelde que caracteriza a sua arte:

*O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia*

Imagina-se nestas páginas o mesmo fluido de rebeldia que pairava no ar de todas as senzalas que se espalhavam pelo Brasil. A mesma rebeldia que ocasionava as fugas isoladas ou coletivas. A mesma rebeldia que gerava os quilombos como redutos de afirmação e resistência. Só que no desenrolar da história brasileira o negro teve pouca oportunidade de documentar, como autor, a sua intolerância pela injustiça, pela opressão, pela asfixia à sua vocação libertária e, acima de tudo, o seu repúdio à ingratidão e à falta de reconhecimento à sua efetiva participação, com trabalho, sacrifício, sangue e lágrimas na formação deste país. Escrever, fazer literatura escrita e traçar os rumos históricos do Brasil sempre foi pretensão, privilégio e primazia de reduzida elite branca. Tudo começou no período colonial quando se ia buscar conhecimento na Europa. O processo continuou na estruturação e estratificação da sociedade brasileira, que se rompeu politicamente com Portugal no 7 de setembro de 1822, mas que seguiu estritamente as trilhas culturais europeias até os nossos dias.

A autenticidade etnocultural brasileira fica prejudicada se se subestimarem os valores negros e índios que nela entraram ao lado do branco europeu, primeiros formadores do nosso povo, de nossa cultura.

Assim como na composição dos elementos da natureza, também na química social, cada componente tem o seu peso atômico e deve ser levado na devida consideração quando se procura analisar e valorizar a sociedade em cuja composição ele entra.

Côncio disso, Carlos de Assumpção não se conforma com a preterição em que o negro é relegado no contexto racial brasileiro. E, inconformado, ele protesta à maneira de corajoso Zumbi:

Senhores

Eu fui enviado ao mundo para protestar

Mentiras ouropéis nada

Nada me fará calar

Sabe-se que, egresso de um duro regime de escravidão, difícil acesso aos bancos escolares e confinado em precária condição econômica, o negro tem tido pouca condição para escrever e publicar livros. A sua história, os seus problemas e os seus dramas têm sido vistos e editados pela óptica e iniciativa dos outros. Mesmo assim já surgiram poucos, mas expressivos negros na literatura brasileira. Por que Carlos de Assumpção é quase só na poesia negra de protesto e contestação? Teriam os outros escritores consciência adormecida? Eis aí um ponto de interrogação em que vamos tentar mexer reflexivamente: 1) vendo os fatos de uma perspectiva histórica; 2) vendo-os de uma perspectiva sociológica e; 3) finalmente por um ângulo psicológico. Da visão histórica, a história mudou. Já não se restringe mais a ser um veículo de crônicas de reis e barões, mas passou a ser um instrumento sério de aferição de dados referentes a acontecimentos. Daí a questão a colocar: se a visão da história do negro brasileiro de Carlos de Assumpção que a estuda por um prisma moderno é a mesma dos intelectuais negros do passado que estudavam meramente pelo ângulo factual. Quando encaros os fatos pelo prisma sociológico, constatamos que é perfeitamente possível elaborar, ao longo dos tempos, toda uma *sociologia da desvalorização dos valores negros*, pois o negro tem sido tão discriminado pela sua cor, pelo seu cabelo pixaim, pelo cheiro do seu corpo, pela sua

religião, e por uma infinidade de outras coisas que tudo isso já mereceu um estudo científico a respeito. E daqui passamos para outro departamento científico – psicologia. Se o negro é massacrado socialmente por tudo aquilo que tem de seu, de repente passa, psicologicamente, a temer os seus valores. Passa a querer ser branco, via mulatismo, via posição social, via nível econômico, enfim, via qualquer meio de fuga, pois ninguém quer simbolizar o *ruim*, o *maldito*, o *desprezível* e até o *demônio*. Quando um negro tem chance de ser gente, até substituem a alma própria por uma alma branca. E se alguém já ousou ou ousar colocar alma branca no peito de Carlos, que é brilhante intelectual, simplesmente pelo mérito de ser humano dotado de inabalável capacidade de luta, independente de ser negro ou branco, por certo recebeu ou receberá esse poema ao rosto:

Isso é discriminação

Deixe disso meu irmão

Mesmo quando me elogia

Você mostra é prevenção

Pare com isso por favor

Quem já viu a alma algum dia

Pra saber se ela tem cor?

Fulano é preto *mas* é um bom sujeito. Qual o negro que não detesta essa antipática adversativa? A primeira vez que ela chocou a minha personalidade foi numa sala de aula. Eu era garoto e cursava o primário. De vez em quando a professora pegava a classe de surpresa para a revista de higiene dos alunos. Havia notas e eu sempre tirava as melhores porque o meu cabelo pixaim, as minhas orelhas, as mãos, as unhas, a roupa pobre, tudo enfim, sempre em perfeito asseio. Um dia, querendo me elogiar, ela chamou-me à frente da classe e disse: “Olhem, vocês estão vendo? Este aluno é pretinho *mas* sempre limpo”. Não sei se consegui reter as lágrimas no momento. O que sei é que até hoje me vem um nó na garganta cada vez que me lembro daquela agressão que sofri numa sala de aula, por uma professora. E aquele episódio da infância, passado numa sala de aula, me volta bem nítido agora diante de “Inocência” de Carlos de Assumpção:

*A menina disse zangada
 Que a sua colega do lado
 "Me xingara de negro"
 E acrescentou
 "Deus vai castigar ela professor
 Ela vai casar com um negro*

Todavia, à medida que a história vai deixando de ser simplesmente um veículo de crônicas de reis e barões e passa a ser usada como um instrumento sério de aferição de acontecimento, os reais valores do negro vão surgindo não só em nosso país, mas também fora dele. Já não é mais feio ter cabelo pixaim, cor negra, nariz chato. Cada raça tem sua característica física. E nessas características cada etnia tem o seu modo de ser belo. Eis o que o poeta procura.

*Olho no espelho
 E não me vejo
 Não sou eu
 Quem lá está*

*Senhores.
 Onde estão os meus arbóres
 Onde estão meus orixás*

Para arrematar, vamos registrar que Carlos de Assumpção mantém na sua poesia estreita relação entre arte e vida social, tendo, portanto, o cuidado de não fazer arte pela arte, mas uma arte rigorosamente engajada na luta pelo respeito e dignidade de sua raça.

Aristides Barbosa

SUMÁRIO

TAMBOR	17
CRIME	18
QUESTÃO DE SORTE	19
PÉS BRANCOS SOBRE ESTRELAS	20
MEU QUILOMBO	21
IDENTIDADE	22
PEDRAS	23
FÊNIX	24
ALMA BRANCA	25
REBELDIA	26
MÃE	27
TEMA DE NATAL I	29
POEMA VERÍDICO	31
TAMBOR II	33
PONTE DE OURO	34
ECLIPSE	35
AMANHECER	37
RESISTÊNCIA	39
PROTESTO	40
ALELUIA	45
MULHER NEGRA	47
O SORRISO DE SÃO BENEDITO	49

MEUS AVÓS	51
CANÇÃO	58
AUTORRETRATO	61

OUTROS POEMAS

MINHA LUTA	65
CAVALO DOS ANCESTRAIS	67
NESTE MUNDO	69
INDIGNAÇÃO	70
COMPLEXO	71
500 ANOS	72
DILEMA	73
ESTEREÓTIPOS	74
NOITE FELIZ	75
CABELO	76
DESTITUIÇÃO	77
EU SOU NEGRO	79
HISTÓRIA	80
ENCONTRO	81
O CASO DE TIA ANA	82
SAMBA DE RODA	83
TEMA DE NATAL II	85
PRESENÇA	86
TRÊS QUADRINHAS	88
RAÍZES	89
LINHAGEM	91
BATUQUE	92
PRECE	95
BATICUM DO BOIA-FRIA	96

POEMA DO AMARGO COTIDIANO	98
QUE NEGROS SOMOS NÓS	100
ARCO-ÍRIS	102
TREZE DE MAIO	103
ELEGIA AO VELHO RIO	104
ROTINA	106
QUADRINHAS	107
CANÇÃO DE AMOR	108
QUANDO ZUMBI VOLTAR	112
ESTÃO MATANDO	114
INDENIZAÇÃO	115
EU	116
MÃES DA BAIXADA FLUMINENSE	117
DITO	119
SEM NOME	120
PATRÍCIO	121
AUTOBIOGRAFIA	122
BRANQUEAMENTO	124
A VOLTA DO GUERREIRO	125
POEMA ADAPTADO	126
BERIMBAU	127
SALADA	129
PREFÁCIOS ÀS EDIÇÕES ANTERIORES	131
REFLEXÕES	133
CHUVA DE ESTRELAS	137
CAMINHADA	139
POESIA SOPRO DE VIDA	141
APRECIACÕES	143

PROTESTO

TAMBOR

Tambor
dá asas a nosso grito contido há séculos
grita
nada de pequenos lamentos inúteis
nada de pranto
grita tambor
grita
estamos do lado de fora
com as mãos vazias
e as portas estão fechadas
com chaves de desamor
grita
tambor
grita
temos sede de vida
e estamos cansados de tanta dor.

CRIME

De repente
Duma viatura
Saltam sobre mim
Vários policiais

Com cassetetes revólveres
Metralhadoras em punho
E com ódio
No olhar

Me cercam de repente
No meio da calçada
Num círculo de terror

Não me pedem documentos
Não me perguntam nada
Basta a minha cor.

QUESTÃO DE SORTE

para José Batista da Silva

O negro era inteligente
O branco não
O negro era culto
O branco não
O negro era educado
O branco não
O negro era capaz
O branco não

Foram juntos pedir emprego
A uma mesma repartição
Umás três vagas havia
Fizeram sua inscrição

Decisão
O branco foi contratado
O negro não.

PÉS BRANCOS SOBRE ESTRELAS

Vocês se apoderaram das terras
Dos rios e dos mares
Dos campos e das cidades
Dos costumes e das leis
Da vida e da morte
Do céu e do inferno
De Deus e do Diabo

Vocês se julgam senhores exclusivos de tudo

Vocês estão esquecidos
De que tudo aqui foi construído por mim
E ninguém mais

Vocês não percebem
Que pisam o sangue sagrado de meus ancestrais.

MEU QUILOMBO

Não acredito em ninguém
Não jogo de ponta-direita
Não jogo de ponta-esquerda
Não jogo de centroavante
Não vou jogar contra mim mesmo
Não me interessam tais posições

Sou apenas um homem
Lutando em seu quilombo de palavras
Apenas um homem
Tentando interpretar anseios e esperanças
De todo um povo desprezado explorado
Que um dia há de se levantar.

IDENTIDADE

Muita gente esquece irmão
Esquece maldosamente
Que negro tem coração
Tal como tem toda gente.

PEDRAS

Deus devia, meu irmão,
(É o que sempre tenho dito)
Dar ao negro coração,
Mas coração de granito.

FÊNIX

Riram dos nossos valores
Apagaram os nossos sonhos
Pisaram a nossa dignidade
Sufocaram a nossa voz
Nos transformaram em uma ilha
Cercada de mentiras por todos os lados
Nos dividiram
Nos puseram à margem de tudo

Irmãos

Precisamos reconstruir a nossa vida
Precisamos conquistar nosso lugar
Na casa que um dia nós edificamos
E onde não conseguimos entrar
Precisamos reacender os nossos sonhos
Precisamos levantar a nossa voz
Precisamos derrubar
A muralha de rocha e cal
Que ergueram em torno de nós.

ALMA BRANCA

Isso é discriminação
Deixe disso meu irmão
Mesmo quando me elogia
Você mostra é prevenção
Pare com isso por favor
Quem já viu a alma algum dia
Pra saber se ela tem cor

REBELDIA

Nunca nunca irei para a guerra
(Declaro bem alto que não)
E não pense que sou covarde
Que covarde é quem mata irmão

MÃE

Noite,
Os anos já pintaram de luar os teus cabelos,
No entanto, tudo parece estar acontecendo agora,
Neste instante.

Noite,
Após tantos anos,
Neste momento,
Vejo tudo diante de mim,
Como se estivesse assistindo a um filme da infância:

Nós, teus filhos, todos pequenos,
O relógio parado na hora de privações,
Tantos sonhos de asas quebradas pelos cantos
De nossa casa pobre, sem conforto;

Tu, mulher ainda jovem, tão boa, tão calma,
Constelação de esperança e ternura,
Inspirando segurança,
Inspirando fé, amor,
Em meio a tantos vendavais.

Noite,
Tua luta foi para nós teu maior ensinamento
Sofrias (hoje o sei), entretanto,
Em nossa presença, nunca uma lágrima
Rolou pelo teu rosto.

Noite,
Desde criança aprendi a amar-te,
Mas só hoje, adulto, é que vejo, comovido,
As incontáveis estrelas que brilham em teu ser
E que tantos vendavais não conseguiram apagar.

TEMA DE NATAL I

para Wágner de Campos

Em mim, o Natal chegando,
Nascendo em mim o Jesus,
Dentro em meu peito brilhando,
A estrela cheia de luz,

Sairei pelos caminhos,
Cidades, ruas, estradas,
Consolando almas magoadas,
Corações cheios de espinhos ...

Irei ao cimo das serras
Mais altas, para gritar,
Com voz mais forte que o mar,
Que não deve haver mais guerras ...

Gritarei aos quatro ventos
Que somos todos irmãos,
Devemos dar-nos as mãos,
Pôr fim a tantos tormentos.
E depois de correr mundo,
Pregando aos homens o amor,
Irei viver bem no fundo
De uma região esplendor,

Sem esperar gratidão,
Recompensa de ninguém,
Gozando a satisfação
De um dia ter feito o bem.

POEMA VERÍDICO

Em rostos de cal
Olhos impassíveis
Frios como punhais
À minha frente me dizem não

Se eu gritasse se eu gritasse
Se eu gritasse que os meus ais
Se eu gritasse que o meu pranto
Se eu gritasse que o meu sangue
As marcas do meu trabalho
Meu amor incomparável
Estão em todas as partes
Em toda argamassa da Pátria
Que adiantaria gritar

Se eu gritasse se eu gritasse
Que este País é “a maior
Democracia racial
Do mundo” como muita gente
Faz questão de proclamar
Que adiantaria gritar

Se eu gritasse se eu gritasse
Que existe em nosso Código Penal
Uma lei (Aqui entre nós ineficaz)
Que pune a discriminação
De raça ou de cor
Que adiantaria gritar

Se eu gritasse se eu gritasse
Que tem a nação para comigo
Uma dívida de quatro séculos
De quatro séculos de sacrifício
Que precisa ser saldada
Que adiantaria gritar

Se eu gritasse se eu gritasse
Que somos feitos do mesmo barro
Que somos filhos do mesmo Pai
Que adiantaria gritar

Estes olhos claros impassíveis
Frios como punhais
Continuariam me dizendo não

TAMBOR II

Tambor
são inúteis nossos gritos
silêncio
tambor
neste mundo branco
somos considerados incômodo
manchas negras
apenas
silêncio
tambor de nostalgia
tambor de angústia
tambor de desesperança
silêncio
tambor
ninguém compreende nossa mensagem de dor.

PONTE DE OURO

Vou-me embora ... Vou-me embora ...
Ninguém escuta meu grito.
Tenho uma ponte de sonho
De minh'alma pro infinito.

Vou-me embora, estou cansado,
Cansado, irmão, vou-me embora.
Com tantas almas de pedra
É inútil esperar aurora ...

Não mais mandarei aos homens
A voz do meu telegrama.
Os homens, abutres de ódio,
Assassinam a quem ama.

Vou-me embora ... Vou-me embora ...
Não mais protesto nem grito
Tenho uma ponte de sonho
De minh'alma pro infinito.

ECLIPSE

Olho no espelho
E não me vejo
Não sou eu
Quem lá está

Senhores
Onde estão os meus tambores
Onde estão meus orixás
Onde Olorum
Onde o meu modo de viver
Onde as minhas asas negras e belas
Com que costumava voar

Olho no espelho
E não me vejo
Não sou eu
Quem lá está

Senhores
Quero de volta
Os meus tambores
Quero de volta
Os meus orixás
Quero de volta
Meu Pai Olorum
Em seu esplendor sem par
Quero de volta
O meu modo de viver
Quero de volta
As minhas asas negras e belas
Com que costumava voar

Olho no espelho
E não me vejo
Não sou eu
Quem lá está

Séculos de destruição
Sobre os ombros cansados
Estou eu a carregar
Confuso sem norte sem rumo
Perdido de mim mesmo
Aqui neste lado do mar
Um dia no entanto senhores
Eu hei de me reencontrar

AMANHECER

(ou ANOITECER)

Durante muito tempo
Andei à procura de mim mesmo
Pelos caminhos da dor
Durante muito tempo
Andei à procura de mim mesmo
Pelos caminhos da dor

Andei à procura de mim mesmo
Por entre os escombros
De minha vida solapada
À procura do meu orgulho
Curvado a chicotadas
À procura dos meus tambores
Dos meus tambores guerreiros e festivos
Silenciados de repente

À procura dos Deuses protetores
Que regiam os acontecimentos
Antes do cataclismo branco

Não foi inutilmente
Que andei à procura de mim mesmo
Pelos caminhos da dor
Não foi inutilmente
Que andei à procura de mim mesmo
Pelos caminhos da dor

Eis que me reencontro afinal

Meu orgulho
Meus tambores
Meus Deuses
Estão despertos
Estão despertos novamente
Novamente despertos
Estão nas ruas do meu sangue
Novamente

RESISTÊNCIA

Tocai tambores tocai
Não tenho mais medo da morte
Sei que não vou desaparecer
Tocai tambores tocai

Em toda parte
Muitas mãos de ébano
Estão tecendo o destino da Raça

Sei que não vou desaparecer
Não tenho mais medo da morte
Não tenho mais medo de nada
Tocai tambores tocai
Tocai tambores da alvorada

PROTESTO

Mesmo que voltem as costas
Às minhas palavras de fogo
Não pararei de gritar
Não pararei
Não pararei de gritar

Senhores
Eu fui enviado ao mundo
Para protestar
Mentiras ouropéis nada
Nada me fará calar

Senhores
Atrás do muro da noite
Sem que ninguém o perceba
Muitos dos meus ancestrais
Já mortos há muito tempo
Reúnem-se em minha casa
E nos pomos a conversar
Sobre coisas amargas
Sobre grilhões e correntes
Que no passado eram visíveis
Sobre grilhões e correntes

Que no presente são invisíveis
Invisíveis mas existentes
Nos braços no pensamento
Nos passos nos sonhos na vida
De cada um dos que vivem
Juntos comigo enfeitados da Pátria

Senhores
O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia

Um dia talvez alguém perguntará
Comovido ante meu sofrimento
Quem é que está gritando
Quem é que lamenta assim
Quem é

E eu responderei
Sou eu irmão
Irmão tu me desconheces
Sou eu aquele que se tornara
Vítima dos homens
Sou eu aquele que sendo homem
Foi vendido pelos homens
Em leilões em praça pública
Que foi vendido ou trocado
Como instrumento qualquer
Sou eu aquele que plantara

Os canaviais e cafezais
E os regou com suor e sangue
Aquele que sustentou
Sobre os ombros negros e fortes
O progresso do País
O que sofrera mil torturas
O que chorara inutilmente
O que dera tudo o que tinha
E hoje em dia não tem nada
Mas hoje grito não é
Pelo que já se passou
Que se passou é passado
Meu coração já perdoou
Hoje grito meu irmão
É porque depois de tudo
A justiça não chegou

Sou eu quem grita sou eu
O enganado no passado
Preterido no presente
Sou eu quem grita sou eu
Sou eu meu irmão aquele
Que viveu na prisão
Que trabalhou na prisão
Que sofreu na prisão
Para que fosse construído
O alicerce da nação
O alicerce da nação
Tem as pedras dos meus braços

Tem a cal das minhas lágrimas
Por isso a nação é triste
É muito grande mas triste
E entre tanta gente triste
Irmão sou eu o mais triste

A minha história é contada
Com tintas de amargura

Um dia sob orações e rosas de alegria
Jogaram-me de repente
Da prisão em que me achava
Para uma prisão mais ampla
Foi um cavalo de Troia
A liberdade que me deram
Havia serpentes futuras
Sob o manto do entusiasmo
Um dia jogaram-me de repente
Como bagaços de cana
Como palhas de café
Como coisa imprestável
Que não servia mais pra nada
Um dia jogaram-me de repente
Nas sarjetas da rua do desamparo
Sob orações e rosas de alegria

Sempre sonhara com a liberdade
Mas a liberdade que me deram
Foi mais ilusão que liberdade

Irmão sou eu quem grita
Eu tenho fortes razões
Irmão sou eu quem grita
Tenho mais necessidade
De gritar que de respirar

Mas irmão fica sabendo
Piedade não é o que eu quero
Piedade não me interessa
Os fracos pedem piedade
Eu quero coisa melhor
Eu não quero mais viver
No porão da sociedade
Não quero ser marginal
Quero entrar em toda parte
Quero ser bem recebido
Basta de humilhações
Minh'alma já está cansada
Eu quero o sol que é de todos
Quero a vida que é de todos
Ou alcanço tudo o que eu quero
Ou gritarei a noite inteira
Como gritam os vulcões
Como gritam os vendavais
Como grita o mar
E nem a morte terá força
Para me fazer calar

ALELUIA

Música para todos os homens
Venham todos cantar
Venham todos dançar

Aleluia

Música embaladora como braços maternos
Como rede
Música caída do céu como chuva benfazeja
Enraizada na aurora mais linda que o mundo já viu
Brotada da terra como planta vigorosa

Aleluia aleluia

Todos os homens
Venham todos cantar
Venham todos dançar
Música de ninguém
Música de todos
Feita de barro e de astros
De pés e de asas
De tambores e silêncios
Aleluia aleluia aleluia

Música para todos os homens
Para todos os homens
Cantarem
Dançarem
Ao compasso do amor

MULHER NEGRA

Eu canto tua beleza
A noite de tua pele
A luz estelar de teus olhos oblíquos
O chocolate de teus lábios grossos
O luar de teu sorriso
Os teus cabelos que não se desalinham
Ao sopro do vento

Eu canto tua beleza
Tua graça noturna
A música da tua voz
A dança de teus passos
O ritmo do teu andar

Eu canto tua beleza
Tua suavidade de sombra
Tua graça noturna
O mistério do teu corpo
Esculpido em ébano

Eu canto tua beleza
A noite de tua pele
A luz estelar de teus olhos oblíquos
O chocolate de teus lábios grossos
O luar de teu sorriso
Os teus cabelos que não se desalinham
Ao sopro do vento
O teu encanto de mulher

O SORRISO DE SÃO BENEDITO

São Benedito do cimo do seu altar
Observa o homem poderoso
Que ajoelhado a seus pés
Reza com tanta devoção

São Benedito observa-o e sorri
O homem branco poderoso
O mais rico empresário da região
Presta ao Santo Negro suas homenagens
Manda-lhe flores
Assiste-lhe à missa
Segue-o na procissão
Reverencia-o de todo modo
E agora ajoelhado a seus pés
Reza com tanta devoção
São Benedito observa-o e sorri
Não um sorriso de escárnio
Que ele é todo humilde
É todo mansidão

Sorri um sorriso de tristeza
De tristeza e compaixão
Pois São Benedito sabe
Que o homem poderoso
O mais rico empresário da região
Não admite negro em sua empresa
Não vê em nenhum homem negro
Em nenhum homem negro um seu irmão

MEUS AVÓS

à Profª. Eunice de Paula Cunha

Os meus avós foram fortes
Foram fortes os meus avós

Orgulho-me dos meus avós
Que outrora
Carregaram sobre as costas
A cruz da escravidão

Orgulho-me dos meus avós
Que outrora
Trabalharam sozinhos
Para que este país
Se tornasse tão grande
Tão grande como hoje é

Os meus avós foram fortes
Foram fortes os meus avós

Este país meus irmãos é fruto
Das sementes de sacrifício
Que os meus avós plantaram
No solo do passado
Há muitas histórias
Sobre os meus avós
Que a História não faz
Questão de contar

Os meus avós foram bravos
Foram bravos os meus avós

Embora ainda não conhecessem
A nova terra
A que tinham sido transportados
Acorrentados como se fossem feras
Nos sinistros navios-negreiros
Embora ainda não conhecessem
A nova terra
Os meus avós fugiam das fazendas
Cidades bandeiras e minas
E se embrenhavam nas florestas
Perseguidos por cães e capitães-do-mato

Há muitas histórias
Sobre os meus avós
Que a História não faz
Questão de contar

E a história
Dos que desesperados
Se atiravam dos navios
No abismo do oceano
E eram acalentados
Por Iemanjá

E a história
Dos que enlouquecidos
Gritavam em vão
Chamando a mãe África
Saudosos da África
Ansiosos por estreitar
De novo nos braços
A velha mãe África

E a história
Dos que morriam de banzo
Dos que se suicidavam
Dos que recusavam
Qualquer alimento
E embora ameaçados
Por troncos e chicotes
Não se alimentavam
E acabavam morrendo
Encontrando na morte afinal
A porta da liberdade

E as fugas em massa
Planejadas na noite das senzalas

E os feitores
Mortos nos eitos

E os senhores
Mortos nas casas grandes
E nas tocaias das estradas

Há muitas histórias
Sobre os meus avós
Que a História não faz
Questão de contar

Os meus avós foram bravos
Foram bravos os meus avós

Não me venham dizer
Que os meus avós se submeteram
Facilmente à escravidão

Não me venham dizer
Que os meus avós foram
Escravos submissos
Por favor não me venham dizer
Eu não aceito mentiras

Cortarei com a espada
Dos meus versos
A cabeça de todas as mentiras
Mal intencionadas
Com que pretendem humilhar-me
Destruir o meu orgulho
Falseando também
A história dos meus avós

Os meus avós foram bravos
Foram bravos os meus avós

Apesar dos “castigos
Públicos para exemplo”

Apesar de flagelados
Na carne e na alma

Apesar de divididos
E oprimidos
Pelo regime aviltante

Apesar de todas
As crueldades sofridas

Os meus avós nunca
Nunca se submeteram
À escravidão
Há muitas histórias
Sobre os meus avós
Que a História não faz
Questão de contar

Os meus avós foram fortes
Foram bravos
Foram bravos foram fortes
Os meus avós

A quem ainda duvide
Aponto entre outras epopeias
A epopeia dos Palmares
Cujos quilombolas chefiados
Pelo herói negro Zumbi
Acuados pelos inimigos
Muito mais bem armados
E muito mais numerosos
Esgotadas todas as forças
Apagadas as esperanças
Despenham-se da Serra da Barriga
Preferindo a morte gloriosa
À infame vida de escravos

A quem ainda duvide
Aponto as revoltas malês
Quando os bata-cotôs
(Tambores guerreiros)
Puseram em pânico
A cidade da Bahia
Aponto o quilombo de Jabaquara
Outro exemplo de bravura
Dos meus avós

A quem duvide
Aponto as sociedades negras secretas
Que angariavam fundos
Para comprar alforria
De irmãos escravizados

Há muitas histórias
Sobre os meus avós
Que a História não faz
Questão de contar

Meus avós foram fortes
Foram bravos
Foram bravos foram fortes
Os meus avós

CANÇÃO

Será amanhã irmãos
Ele chegará
Pelo caminho das estrelas
Não se desesperem

Será amanhã irmãos
Fraternidade
Vida boa
Pão com fartura
Para todos
Pão e luz
Com fartura
Para todos

Será amanhã irmãos
Ele chegará
Pelo caminho das estrelas

Bandeiras inquietas
Já tremulam no horizonte
Tenho toda a certeza
Será amanhã irmãos
Não se desesperem

Olhos famintos
Magras mãos convulsas
Não se desesperem
Será amanhã irmãos
Ele chegará
Pelo caminho das estrelas

Seus passos são incontroláveis

Ninguém consegue impedir
O nascimento do sol

Será amanhã irmãos
Será amanhã
Fraternidade
Cânticos
Danças
Alegria

Pão com fartura
Para todos
Pão e luz
Com fartura
Para todos

Será amanhã
Amanhã irmãos
Ele chegará
Pelo caminho das estrelas

Seus passos são incontroláveis
Bandeiras inquietas
Já tremulam no horizonte
Ninguém consegue impedir
O nascimento do sol

Será amanhã
Amanhã irmãos

AUTORRETRATO

Eu sou a noite
Sem destino
Esbofeteada pelo vento
Nesta selva branca

Noite
Que procura caminho
Como o faminto
Procura o pão

Noite
Que conserva
Orgulhosamente

A despeito de tudo
Um punhado de estrelas
Em cada mão

OUTROS POEMAS

MINHA LUTA

para a escritora Elisa Larkin Nascimento

Saibam que minha luta
Está enraizada nas lutas dos meus avós
E também saibam que minha luta
Não é só minha
É luta de todos nós

Ontem, lutaram comigo nos quilombos
Índios e brancos pobres irmãos explorados também
Meu quilombo de hoje
Não é diferente dos quilombos do passado

Quem ame realmente a liberdade
Quem realmente seja irmão
Quem tenha realmente amor no peito
Me dê a mão
Junte-se à minha voz
Que meu quilombo de hoje amigos
É igual aos quilombos do passado
É quilombo de todos os oprimidos
É quilombo de todos os explorados
É quilombo aonde todos são bem-vindos
É quilombo de todos nós.

CAVALO DOS ANCESTRAIS

para a poetisa Isabel Hirata

Minhas irmãs, meus irmãos
Os ancestrais fazem de mim seu instrumento
Minha voz não é minha é voz dos ancestrais
Meus gestos não são meus são gestos dos ancestrais

A despeito de minha fragilidade
Os ancestrais fazem de mim seu instrumento
Me fazem portador de sua mensagem
Eles é que me mandam falar
Sobre Mãe África violentada
Eles é que me mandam falar
Sobre tanto sangue derramado na travessia
Sobre tanto sangue derramado nas fazendas
Sobre tanto sangue derramado nas cidades
Sobre tanto sangue derramado nas lutas pela sua própria
libertação e defesa desta terra

Eles é que me mandam falar
Sobre milhares e milhares de homens negros
assassinados
Nas fazendas
Nos quilombos
Nas insurreições urbanas

Apesar de eu ser tão limitado
Os ancestrais fazem de mim seu instrumento
Me fazem portador de sua mensagem

Minhas irmãs, meus irmãos
Esperam tanto de nós os ancestrais
Principalmente que sejamos dignos
Que sejamos dignos, que sejamos dignos
De tanto sangue derramado
Principalmente que sejamos dignos
Que não nos curvemos
Que não nos entreguemos
Que continuemos a marcha da liberdade
Que ergamos novos quilombos sob o signo do amor
e da fraternidade
Para que germine
Para que floresça
Para que frutifique cada vez mais
Tanto sacrifício
Tanto sangue derramado

NESTE MUNDO

para Luiz Cruz

Neste mundo de homens de aço
Eis o palhaço
A poesia é minha ocupação
É meu pão
Sou poeta louco pobre-diabo
Sou declamador de minha dor
Sou meu irmão irremediável truão

Neste mundo de homens de aço
Sou sim o palhaço
Eu que em difícil missão
Em público desnudo
O coração.

INDIGNAÇÃO

Minha vida minha vida
É ilha de sofrimento
Cercada de injustiça
Por todos os lados
Meu irmão, onde a saída
Senão a força da rebeldia

Como gostaria de não ser revoltado
Sob o peso de tanta dor tanta miséria
A revolta me invade porém

Vítima de perseguição
Encurralado marginalizado
Neste mundo neste mundo
Que é meu mundo também
Meu irmão tenho vontade
De sair como um demente
Gritando gritando pelos campos
E ruas e praças das cidades
Que é preciso urgentemente
Limpar com papel higiênico
A cara cristã da sociedade

COMPLEXO

para o escritor Ironides Rodrigues

A nação tem vergonha de si mesma
Tem vergonha de si mesma, tem vergonha
Tem vergonha de minha presença
Tem vergonha de minha cultura
Tem vergonha de meu sangue que em suas veias circula
Então se volta contra mim maldosamente
Então se volta contra mim, me pisa, me humilha, distorce
minha história, deseja que eu desapareça

Eu era livre na África
Não vim aqui porque quis
De repente precisaram de braços que construíssem este país
E me arrebataram para cá preso em correntes

Fui eu que construí o que esta nação tem
Agora a nação tem vergonha de si mesma
Agora tem vergonha de minha presença
Agora tem vergonha de minha cultura
Agora tem vergonha de meu sangue
Agora se volta contra mim
Fui eu (repito e repetirei sempre) fui eu quem construiu
o que esta nação tem
Não quero saber de coisa alguma
Só sei que esta nação é minha também.

500 ANOS

para Ivani L. Marchesi de Oliveira

Não embarcamos no oba-oba
Não vamos por essa rota
Meu irmão negro não
Meu irmão índio não
Meu irmão branco pobre
também não
Não somos idiotas
Estamos cansados
de carregar quinhentos anos
de opressão nas costas

Esta data pra nós
é apenas um marco de luta
por um Brasil de cara nova
por um Brasil que a si mesmo se assuma
por um Brasil de cara nossa
em que haja sol pra todo mundo

DILEMA

*Negro geme porque apanha
Apanha pra não gemer*

SOLANO TRINDADE

O homem negro não tem sossego no peito
É sem receio de erro que digo isto
Se grita contra injustiça, se protesta
Leva a pecha de desajustado recalcado
Se fica quieto é considerado fraco submisso

ESTEREÓTIPOS

esse caso fu man chu
negro ou branco tanto faz
devia deixar pra lá
caricaturar a mulher
não ajuda a mulher em nada
muito mágoa e que lhe traz
há modas interessantes
no batuque de umbigada
a mulher já sofre tanto
com esse caso fu man chu
por que feri-la inda mais

NOITE FELIZ

para Ângela Brito

noite feliz
cantam hinos
nas estrelas
tocam sinos
em belém
bem
bem
bem
é natal
bom natal
a todos os homens
nasceu em belém
Jesus menino
para nosso bem
é natal
quem tem
amor no coração
tem natal
que não tem
não tem
não tem

CABELO

cabelo cabelo
eterno pesadelo
quem tem curto alonga
quem tem longo encurta
quem tem crespo alisa
quem tem liso enrola
tudo bem
eu contudo
com cabelo
curto ou longo
liso ou crespo
de qualquer jeito
levo chumbo

DESTITUIÇÃO

Cadê o samba
Que era meu
O branco tomou e deturpou
Cadê o branco
Tá por aí
Ganhando dinheiro
Com o samba que roubou

Cadê o carnaval
Que era meu
O branco tomou e deturpou
Cadê o branco
Tá por aí
Ganhando dinheiro
Com o carnaval que roubou

Cadê Iemanjá que eu trouxe da África
Cadê Iemanjá que era negra como eu sou
Tá dependurada na parede
Onde o branco a dependurou
Pintada de branco como o branco a pintou

Cadê as terras que desbravei
Cadê as riquezas que construí
O branco de tudo se apossou
Cadê o branco
Tá por aí
Na sua velha altivez
Colhendo frutos que não plantou.

EU SOU NEGRO

Eu sou negro sim sou negro
E não admito chacota
Minha cor é linda firme
É saúde e não desbota

Sou negro cor de fumaça
Até na sombra meu bem
Meu bem eu trago nas veias
Sangue doutras raças também

HISTÓRIA

No ano de um mil
oitocentos e oitenta e oito
foi feita uma lei de ouro
que acabava com a escravidão
depois se verificou
que foi engano
o ouro era falso
e o negro entrou pelo cano

ENCONTRO

De repente a noite em horas mortas
Abre a porta do meu quarto
E entra silenciosamente
Em passos suaves de sombra
Despe do corpo de veludo o ténue véu
E nua deita-se em minha cama macia e quente
Bailam no ar risos arrulhos e acres odores
De repente o quarto faz-se céu
Engalana-se de estrelas esplendentes
Astros inspiradores de quem ama

O CASO DE TIA ANA

Batem na porta da rua
Vai atender a quem bateu
— Vá chamar um dos donos da casa
Seu patrão ou sua patroa
— A dona da casa (diz) sou eu
A pessoa muda de tom de repente
— Oh! senhora, me perdoa
Esta cena se repete frequentemente

SAMBA DE RODA

para Nei Lopes

Batuque é bom é bombom
Batuque bem-temperado
Com tempero de pecado
É bombom é bom é bom

A noite devora a lua
A noite apaga o luar
Estrelas frias de medo
Fogem pro fundo do mar

Eta batuque alegria
Batuque bem-temperado
Com mulheres escultura
Com sorriso de marfim
No rosto de noite escura
Com cintura de pilão
Com bumbum desabusado
Com dança enfeitando o andar
Com cantiga d'água pura

Batuque é bom é bombom
Batuque bem-temperado
Com tempero de pecado
É bombom é bom é bom
O ritmo comanda a noite
A noite rege o pagode
Batuque é festa magia
Com o batuque ninguém pode

Eta batuque alegria
Eta alegria sem par
Que nós trouxemos um dia
Lá doutro lado do mar

Batuque é bom é bombom
Batuque bem-temperado
Com tempero de pecado
É bombom é bom é bom

TEMA DE NATAL II

para Alice Helena Costa Parra

Amor é mais que alimento;
Amor é a vida da vida;
Contudo, nada entendemos
Da grandeza do amor ainda.

Vejo pombos e passarinhos
Se amando no meu telhado
E vejo os homens passando
Com alma e com os olhos fechados.

Com a alma e com os olhos fechados,
Passam os homens, e se vão,
E não percebem, coitados,
Que só o amor é a salvação.

Quando florirá (pergunto)
A comunhão universal?
Quando nos amaremos,
Como as aves do meu beiral?

Se uns aos outros não nos amamos,
Se não nos despimos do mal,
Então, por que continuamos
A festejar o Natal?

PRESENÇA

É Zum
É Zum
É Zum
É Zumbi
Zumbi de Ogum
Guerreiro de Ogum
Aqui
Na praça na raça
Na reza fumaça
De incenso no ar
No canto de encanto
Na fala na sala
Na rua na lua
Na vida de cada dia
Em todo lugar

É Zum
É Zum
É Zum
É Zumbi
Zumbi de Ogum
Guerreiro de Ogum
Aqui
No rabo-de-arraia
No aço do braço
No samba de samba
No bumba-meu-boi
No bomba do jongo
Congada batuque
Maracatu
Zumbi Zumbi Zumbi
Guerreiro da Serra
Sob as estrelas acesas
Na madrugada
Nó do ebó na encruzilhada

É Zum
É Zum
É Zum
É Zumbi
Zumbi de Ogum
Guerreiro de Ogum
Aqui

TRÊS QUADRINHAS

Dizem que somos todos iguais
Não sou igual a ninguém
Eu sou eu mesmo
Sou diferente meu bem

Minha prima é mestiça
Não é negra como eu sou
Alguém a chamou de negra
Minha prima desmaiou

Ser negro não é ser preto
Ser preto não é ser negro
Cor de pele não é tudo
Negro é quem se sente negro

RAÍZES

para Aristides Barbosa

Estou de volta pra casa
Estou de volta a meu lar
A vida aqui tem sentido
Aqui é que é meu lugar

Oxum passeia na praça
Xangô conversa no bar
Hoje de volta pra casa
Convivo com os Orixás

Estou de volta pra casa
Aqui tudo é natural
Té felicidade é fruto
Que se consegue alcançar

Enfim reencontro a fonte
Donde axé jorrando está
Estou de volta pra casa
Estou de volta a meu lar
A vida aqui tem sentido
Aqui é que é meu lugar

Aqui tem congada samba
Batuque pra se dançar
Tem mulheres lindas lindas
Lindas feito Iemanjá
Mulheres de largas ancas
E doce encanto no olhar

Estou de volta pra casa
Estou de volta a meu lar
A vida aqui tem sentido
Aqui é que é meu lugar
Agora livre de abismo
Livre pássaro a voar
Aqui tenho vida plena
Com a benção dos Orixás

Estou de volta pra casa
Estou de volta a meu lar
Hoje vivo como vive
Caracol no meu quintal

LINHAGEM

Eu sou descendente de Zumbi
Zumbi é meu pai é meu guia
Me envia mensagens de Orum
Meus dentes brilham na noite escura
Afiados como o agadá de Ogum
Eu sou descendente de Zumbi
Sou bravo valente sou nobre
Os gritos aflitos do negro
Os gritos aflitos do pobre
Os gritos aflitos de todos
Os povos sofridos do mundo
No meu peito desabrocham
Em força em revolta
Me empurram pra luta me comovem
Eu sou descendente de Zumbi
Zumbi é meu pai é meu guia
Eu trago quilombos e vozes bravias dentro de mim
Eu trago os duros punhos cerrados
Cerrados como rochas
Floridos como jardins

BATUQUE

(Dança afro-tieteense)

Tenho um tambor
Tenho um tambor
Tenho um tambor

Tenho um tambor
Dentro do peito
Tenho um tambor

É todo enfeitado de fitas
Vermelhas pretas amarelas
e brancas

Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
Batuque batuque bate
Que evoca bravuras dos
nossos avós

Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
O toque de reunir
Todos os irmãos de todas as cores
sem distinção
Tenho um tambor
Tenho um tambor
Tenho um tambor
Tenho um tambor
Dentro do peito
Tenho um tambor

É todo enfeitado de fitas
Vermelhas pretas amarelas
brancas azuis e verdes

Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
O toque de reunir todos
os irmãos de todas as cores
Dispersos
Jogados em senzalas de dor
Tambor que bate

Batuque batuque bate
Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que fala de ódio e de amor
Tambor que bate sons curtos e longos
Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
Batuque batuque bate
Tambor que bate
O toque de reunir
Todos os irmãos de todas as cores

Num quilombo
Num quilombo
Num quilombo

Tenho um tambor
Tenho um tambor
Tenho um tambor

Tenho um tambor
Dentro do peito
Tenho um tambor

PRECE

Castro Alves que estais no Céu
santificado também seja o vosso nome
Olhai por nós agora e sempre do além
Estendei as mãos sobre a cidade
Acendei a chama da liberdade
do amor da fraternidade
como vossos versos ensinado têm
Rumo às alturas às estrelas
guiai nossos passos Castro Alves
agora e sempre por todo sempre
Amém

BATICUM DO BOIA-FRIA

Não me chamem de boia-fria
Que boia-fria não sou
No banquete capitalista
Nem boia-fria me sobrou

São vocês senhores nababos
Eu escravo camuflado
Vocês me batem me batem
Em paga do meu trabalho
Me batem me batem
Com o chicote da fome
Me batem me batem
Com mãos implacáveis
Me batem me batem

Não me chamem de boia-fria
Que boia-fria não sou
No banquete capitalista

Nem boia-fria me sobrou
Como bateram em Luther King
Como bateram em Jesus Cristo
Vocês me batem me batem
Com o chicote da fome
Me batem me batem
Com o cassetete da opressão
Me batem me batem
Com toda crueza
Me batem me batem

Mas um dia acabo com isto
Viro a mesa
Ponho fim à escravidão

POEMA DO AMARGO COTIDIANO

Lá vem o carro de fogo
Cuidado Zé Tambor
Zé Tambor cuidado
Lá vem o carro de fogo
Lá vêm os homens de olhos de fogo
Mãos vermelhas e armas de fogo

Parado na esquina ou na praça
Em frente ao banco
Ou supermercado
Ou em qualquer lugar
Zé Tambor cuidado

Lá vem o carro de fogo
Zé Tambor
A morte é irmã gêmea da vida
Zé Tambor
A morte e a vida são ambas tão ligadas
Zé Tambor
Que entre ambas não há
Zé Tambor
Limite demarcado
Zé Tambor cuidado

Eis que chegam rápidos os
homens de olhos de fogo
Eis que saltam como tigres
do carro de fogo
Com as mãos vermelhas
de fogo e sementes de destruição
Esses homens Zé Tambor
Não conhecem mais seus irmãos
Esses homens de fogo e aço
Se transformaram em robôs
Que se lançam furiosos
contra seres sem proteção
Que se façam furiosos
principalmente contra ti
Contra ti principalmente
Tambor cor suspeita de carvão

QUE NEGROS SOMOS NÓS

para meus netos, Matheus e Thiago

- Que negros somos nós que nada sabemos dos quilombos
que ensinaram liberdade no país inteiro
- Que negros somos nós que nada sabemos das lutas gravadas
com sangue suores e prantos na memória da história
- Que negros somos nós que nada sabemos das glórias dos
tempos idos dos horrores sofridos por nossos avós
- Que negros somos nós que nada sabemos da linguagem
telegráfica dos tambores
- Que não mantemos acesa a chama que outrora brilhara como
estrela-da-guia
- Que nada fazemos para descobrir nossa origem nossas raízes
- Que não damos valor à nossa cultura no dia a dia ou então
(o que mais ocorre) a desconhecemos completamente
- Que negros somos nós que descrentes nos envergonhamos
da nossa religião que nós muitas vezes chamamos de
feiticeira folclore mitologia
- Que negros somos nós que nos envergonhamos de negros
sem procurar compreendê-los
- Que negros somos nós que nos envergonhamos da
escuridão de nossa pele dos lábios grossos do nariz
chato do cabelo duro

- Que negros somos nós principalmente os de movimentos
negros que dizemos combater preconceitos e temos
às vezes mil preconceitos no peito
- Que negros somos nós que na ânsia de ascensão
humilhamos e preterimos nossos próprios irmãos mais
pobres ou mais escuros
- Que quando conseguimos boa situação na vida tantas
vezes nos isolamos em torre de marfim ou casamos
com pessoas brancas só porque são brancas
- Que somos ridicularizados nas ruas nas praças nos clubes
na imprensa em toda parte e permanecemos de braços
cruzados
- Que somos pisados a todo momento com crueldade e
permanecemos de braços cruzados
- Que somos jogados como sucata na lata de lixo da
sociedade e permanecemos de braços cruzados
- Que negros somos nós que só sabemos chorar à beira
da estrada e não fazemos nada
- Que negros somos nós que não marchamos a caminho do
sol ombro a ombro com outros oprimidos de todas as
cores de acordo com a tradição sob o comando de um
novo Zumbi
- Que negros somos nós que desvivemos desunidos
desconfiados uns dos outros por aí sem rumo sem
líder nenhum
- Que negros somos nós que não mais empunhamos a
espada afiada de Ogum

ARCO-ÍRIS

para Regina diFranca

Nós somos Dons Quixotes
Em cavalos de sonhos vamos
Por toda parte da cidade
Semeando palavras como sementes
Dividindo o pão do bem mostrando caminhos
Levando esperanças a quem não tem

Nós somos Dons Quixotes não importa
De sonhadores o mundo tem precisão
A vida será céu quando todos os homens
Trouxerem as estrelas aqui pro chão

TREZE DE MAIO

O branco me pegou na África
Me trouxe pra cá para trabalhar
De sol a sol
Construí o País
Com o meu suor

Sim
O branco sempre
Andou montado
Na minha cacunda
Na minha cacunda
E quando achou
Que não precisava mais de mim
Deu um pontapé na minha
canela

ELEGIA AO VELHO RIO

O velho rio agoniza
Envenenado pelos homens

Ontem a cidade descia
As colinas marginais
Para olhar-se como vaidosa menina
Em suas águas de cristal
Ontem o sol as estrelas a lua
Deixavam as alturas
E se aninhavam ao fundo do rio
De onde contemplavam a cidade

Ontem as moitas de aguapés
Eram floridos jardins itinerantes
Enfeitando a paisagem
Ontem os peixes abundantes
Eram espadas de ouro e prata
Cintilando por entre as ondas

Hoje o velho rio agoniza
Está quase morto o velho rio
Envenenado pelos homens

De olhos de cifrão
Envenenado pelos homens
Que ébrios de lucro
Destroem tudo o que se oponha
À corrida louca de sua ambição
Hoje o velho rio é espelho apagado
A cidade não mais consegue ver-se
Em suas águas escuras e doentes
Hoje ele não reflete mais
O sol as estrelas a lua
Nem abriga em seu seio
Peixes cintilantes de ouro e prata

As asas da morte
Já projetam sombra soturna
Sobre o rosto dorido do rio
Em vão seus amigos
Tomados de dor
Ante tanta crueza
Lamentam seu lento estertor
E em ruas e praças
Levantam barricadas de palavras
Em sua defesa
Em vão por enquanto
Por enquanto em vão
Tanta luta tanto pranto
As mãos criminosas continuam
Envenenando o velho rio
Sem punição

ROTINA

Vai um homem negro sozinho
na noite caminhando devagar

Devagar caminhando na noite
sozinho um homem negro vai
Cuidado irmão o perigo
traspassa a noite como punhal
Irmão cuidado eis que na esquina
na noite deserta surgem quatro policiais

É tarde é muito tarde a noite
se fecha com mãos de ferro é tarde demais
A noite se fecha cercando o homem negro
se fecha com mãos de ferro como tenaz
Com as mãos vermelhas eis que apressados
desaparecem na noite os policiais
Olhos apagados imóvel no chão pedra fria
em poça vermelha meu irmão jaz
E não vai mais abrir os olhos nem levantar-se
nem caminhar de noite nem de dia nunca mais

QUADRINHAS

É preciso que saibamos
Muita coisa sobre a origem
De tanta dor tanto tombo
Dos males que nos afligem

O homem negro é como o boi
Não sabe a força que tem
Se soubesse não levava
Chicotada de ninguém

CANÇÃO DE AMOR

para o diácono José Pires Correa
e o historiador Zico Pires (in memoriam)

Abram a janela.
Deixem o vento trazer nas suas asas
Lembranças da minha terra.
Da Curuçá faceira de céu azul cheio de luz;
Das casas de mil janelas, como olhos de madeira,
Vigiando à tarde ruas estendidas ao sol;
Das bandas de música, dos apelidos;
Da Cidade Jardim emoldurada
Por canaviais sem fim - mar de esmeralda.

Abram a janela.
Deixem o vento trazer nas suas asas
Lembranças da minha terra.
Eu quero ouvir as vozes imortais de seus poetas,
Valério, Cornélio Pires, Joaquim Cruz, Luís Martins, Aécio,
Rossini, Euclides, Gomide, Josias, Fuzilo e outros mais.
Eu quero ouvir todas essas vozes imortais.

Abram a janela.
Deixem o vento trazer nas suas asas
Lembranças da minha terra.
Havia uma rua que se chamava Rua das Flores.
Na Rua das Flores havia uma rosa
Que eu, ainda criança, amava tanto
E ela nunca soube do meu amor.
Abram a janela.
Deixem o vento trazer nas suas asas
Lembranças da minha terra.
Eu quero ouvir de novo
As serenatas orvalhadas de prata,
Du e seu violino sentimental,
Checheta e seu velho violão.
Quero ouvir cavaquinho, bandolim, pandeiro, lentas
Valsas na voz de veludo de Veloso Assumpção.
Quero ouvir as serenatas nas madrugadas,
Quando as estrelas sonham sonolentas,
Nos braços da ilusão.

Abram a janela.
Deixem o vento trazer nas suas asas
Lembranças da minha terra.
Tia Maria benzia, fazia a chuva parar
E, em tempo de seca, fazia chover.
Naquelas escuras mãos de fada, quanto poder havia!
Mas um dia velhinha tia Maria

embora
se foi
sumiu,
neblina
na fria
das nuvens,
a escada

subiu

E não voltou nunca mais.
Deve estar agora em companhia dos ancestrais.

Abram a janela.
Deixem o vento trazer nas suas asas
Lembranças da minha terra.
De repente me vejo menino na escola primária,
Com os pés descalços, roupa velha remendada,
Ou vejo a mim mesmo menino tristonho, parado,
Na frente do cinema, sem dinheiro para a entrada.
De repente, naqueles anos amargos,
Vejo principalmente meus pais,
Dois bravos empenhados então
Na séria luta contra o dragão da miséria,
Que jamais conseguiu destruir a gente.

Abram a janela.
Deixem o vento trazer nas suas asas
Lembranças da minha terra.
Da Cidade Jardim;
Das casas de mil janelas, como olhos de madeira,
Vigiando à tarde ruas estendidas ao sol;
Da bela Curuçá;
Da minha terra natal,
E quando a noite vier, como virá de qualquer maneira;
Quando o relógio, em seu eterno compasso, bater a
hora final,
Eu quero aconchegar-me à minha terra,
Quero dormir no seu regaço.

QUANDO ZUMBI VOLTAR

Ouçam, ouçam meus irmãos
berimbau anda falando
que zumbi há de voltar
com sua lança na mão
seguido dos guerreiros companheiros
de todos os quilombos daqui
berimbau anda falando
no país inteiro
que zumbi há de voltar
e que quando ele chegar
com sua lança na mão
nossa vida vai mudar
vai haver pão e justiça
vamos realizar nossos sonhos
vamos avançar cada vez mais
zumbi vai conduzir a todos

vai levar a todos nós
à terra da liberdade
à pátria da vida e do sol
quando pai zumbi voltar
com sua lança na mão
vai botar pa correr
este pessoal soberbo e mau
que se apossou do poder
que exclui da vida social
os negros índios e brancos pobres
vai botar pa correr
esse mesmo pessoal que acumula
enormes fortunas roubadas
aos cofres públicos nacionais

ESTÃO MATANDO

para Maria Marcionília Jorge

Estão matando nossos jovens
Estão matando nossos índios
É de partir o coração
Estão matando nossos jovens
Na favela na periferia
Em qualquer lugar
Estão matando nossos índios
Lá no fundo do sertão
Estão matando nossos jovens
Estão matando nossos índios
Como dói como dói o coração

INDENIZAÇÃO

para Vera Alves

Não há nada que pague tanto sacrifício
Entretanto os orixás clamam das estrelas
Os orixás querem saber quando
Quando vocês vão tentar fazer justiça
Quando iniciarão o pagamento
Da dívida histórica esquecida
Que a nação deve ao povo negro
Por mais de trezentos e cinquenta anos
De trabalho desumano
Atrás de grades de aço
Os orixás querem saber quando
Quando haverá justiça
Quando a justiça vai chegar
Os orixás querem saber
Quando vão reparar o mal que fizeram ao povo negro
Os orixás querem saber quando
Clamam das estrelas os orixás

EU

em terras dos meus ancestrais
fui guerreiro
fui rei
fui faraó à sombra das pirâmides
fui nzinga na resistência de angola
fui soldado na libertação de moçambique
fui mandela na guerra pacífica em combate ao apartheid

em terras dos meus ancestrais
fui guerreiro
fui rei
fui sábio em alexandria
fui tanta gente que nem sei

de repente um dia
fui violentadamente arrebatado
da casa dos meus avós
transformado em escravo
hoje eis-me aqui na américa
em luta aberta pela liberdade
eis-me aqui zumbi dos palmares em alagoas
tiradentes em minas gerais
martin lutger king em alabama
fidel castro em havana
em luta contínua
de aurora à aurora
por lugar à vida
por lugar ao sol

MÃES DA BAIXADA FLUMINENSE

ao amigo Luiz Cruz

As estrelas e a lua
Seguem com olhar
De piedade grupo
De mães da Baixada Fluminense
Perdido sem norte sem rumo
No labirinto da cidade
Procurando desesperadamente
Seus filhos queridos
Desaparecidos de repente

As estrelas e a lua
Viram tudo o que aconteceu
Viram tudo e nada dizem
Viram ódio correrias
Viram fuzis metralhadoras
Viram manchas de sangue no chão
Viram tudo e nada dizem
Às mães infelizes

Junto com elas caminha
Sem que ninguém a veja
A mãe daquele que ensina
Há mais de dois mil anos
A união entre os homens
O amor entre os homens
E a humanidade
Ainda não aprendeu
O sofrimento que essas mulheres
Carregam nos ombros é igual
Ao de mães argentinas
Que em praça de Buenos Aires
Levantam estandarte de indignação
Pelo desaparecimento
De filhos queridos também

Tocai sinos das igrejas
Rufai tambores dos terreiros

Pelas mães desesperadas
Pelos filhos desaparecidos
Pelos sonhos assassinados
Atrás da noite
Pelos fatos sem solução
Na América na África
No mundo inteiro

Tocai sinos das igrejas
Rufai tambores dos terreiros
Amém

DITO

cuidado racista
dito pode não embarcar
em sua hipocrisia
se ele percebe
que você lhe falta
com o respeito com esse seu jeito
de ofender pessoas
e dizer que é brincadeira
você com certeza
vai se dar mal
de repente entra em fria
o rapaz pega pesado
você de repente
leva pé na cara
leva rabo de arraia
leva rasteira leva tranco
leva mil golpes
corre risco de no fim
usar terno de madeira

SEM NOME

Como diriam
nelson cavaquinho
solano trindade
e martin luther king
tire o racismo
do meu caminho
que eu quero ir em frente
às terras da liberdade
onde as pessoas
se dão as mãos
onde todos vivem
como irmãos

Já disse e repito
sou irmão de todo mundo
todo mundo é meu irmão
você contudo
se não tirar o racismo
do meu caminho
absolutamente
nunca será meu irmão

PATRÍCIO

patricio ouvi dizer
que zumbi tá vindo aí
co'a lança na mão
já descera a serra
de palmares
co'a lança na mão
quando zumbi chegar
vai botar pa corrê
co'a lança na mão
todo esse pessoal
envolvido em negócios
de corrupção
no poder ou não
pois é patricio
vai haver fuzuê
danado por aqui
quando zumbi
chegar de palmares
co'a lança na mão

AUTOBIOGRAFIA

eu sou carlos de assumpção
sou irmão de todo mundo
todo mundo é meu irmão
sou irmão de todo mundo
todo mundo é meu irmão

eu sou carlos de assumpção
sou caipira de tietê
que é cidade abençoada
nascida nas margens do rio
que tem o mesmo nome
que é cidade abençoada
das festas emocionantes
do divino espírito santo
do glorioso são benedito
minha cidade natal
linda capital
do batuque de umbigada

eu sou carlos de assumpção
hoje vivo há muitos anos
na franca das três colinas
cidade do imperador
que é também abençoada
entre as ondas das colinas
corre água nasce flor
eu sou carlos de assumpção
sou irmão de todo mundo
todo mundo é meu irmão
sou irmão de todo mundo
todo mundo é meu irmão
mas o racista não
o racista não é
meu irmão

BRANQUEAMENTO

ei brancos brasileiros
ei latino-americanos
vocês estão carimbados
é muito tarde
pra voltar atrás
por aqui
a coisa talvez funcione
lá fora
não tem esse negócio
de purificação
de raça não
lá fora
é pão pão queijo queijo
é queijo queijo pão pão
esse artifício não pega
lá fora
com certeza
vocês vão quebrar a cara

A VOLTA DO GUERREIRO

berimbau anda falando
que zumbi há de voltar
e quando zumbi chegar
com sua lança na mão
vai botar pa corrê
esse povo engravatado
arrogante e valentão
que se julga dono
do poder de tudo aqui
que humilha e discrimina
negros índios e brancos pobres
e tem mais além disso
esse povo engravatado
arrogante e valentão
que arromba o cofre da nação

POEMA ADAPTADO

nós não somos
nós não somos
descendentes de escravos
meus irmãos
descendentes de escravos
não somos não
descendemos sim
de seres humanos
descendemos sim
de povo livre
humilhado atrás
da grade da escravidão
não descendemos
de escravos não

BERIMBAU

*para Jorge Prado Teixeira
in memoriam*

Berimbau anda falando
Que zumbi há de voltar
E quando zumbi chegar
Vai botar ordem na casa
Vai pôr tudo no lugar
Zumbi nosso guia e pai
Vai dar pão a quem tem fome
Vai dar pão com autoestima
Cuidar dos necessitados
Desprezados no país
Vai combater a pobreza
Fazer o povo feliz
Acender a liberdade
Dentro do peito da pátria
Como aqui nunca se viu

Berimbau anda falando
Que zumbi há de voltar
E quando zumbi chegar
Vai arrebentar correntes
Detonar portas trancadas
Exterminar o racismo
Que impede mais da metade
Da população de andar
De sair da situação

Desoladora em que está
Zumbi é nossa esperança
É a esperança de todos
Zumbi vai trazer mudança
O país vai tomar jeito
Já tá passando da hora
De o sofrimento passar

SALADA

ou brincando com fogo

O jornalista racista
Bateu as botas morreu
Deve ter ido pro inferno
Antes ele do que eu

A menininha disse zangada
Que sua coleguinha ao lado
Me xingou de negro
E acrescentou
Deus vai castigá ela professor
Ela ainda vai casá com um negro

Viva a princesa Isabel
Agradecimento profundo
À bondosa princesa que em maio
Nos deu de bandeja a Lei Áurea
A lei áurea a lei áurea
Verdadeiro cheque sem fundo

prefácios
às edições anteriores

REFLEXÕES

Um poeta revelou-se com apenas um poema - PROTESTO - apresentado como expressão de um grito, incontestavelmente afro, num período nascente da negritude, durante as realizações da I Convenção Paulista do Negro, em 1956. Foi um marco no desenvolvimento do negro em suas aspirações, proporcionando uma consciente presença no panorama da vida brasileira. Foram reavaliados aspectos condizentes com as condições afro e a sua realidade. Um conclave que ainda não foi devidamente reavaliado em sua total ou global análise.

Foi nas andanças de uma convenção, vivendo todos os instantes e bebericando ensinamentos com Florestan Fernandes, Roger Bastide, Edison Carneiro, Ironides Rodrigues, José Correia Leite, Jayme de Aguiar, Afonso Schmidt, Sebastião Rodrigues e tantos outros, vibrei com a presença de Carlos de Assumpção. Mantive diálogo e muita louvação ao seu poema, ao ponto de sua divulgação na edição nº 1, da Série Cultura Negra, da Associação Cultural do Negro. O poema ganhou dimensão e passou a ser um clássico em todos os movimentos em branco e preto. Traduzido e incluído em antologias, Carlos de Assumpção conquistava espaço para seu poema Protesto.

Acompanho a trajetória do poeta, com suas tentativas e realizações no campo da poesia, agora reunindo trabalhos para seu

livro "PROTESTO", em boa hora colocado ao alcance do grande público. É fruto de um trabalho artístico, onde vem através de uma confiança ou sentimento, visando ordenar elementos significativos para dar conteúdo ao seu sentido afro ou negro. Reduz todo e qualquer sentimento supérfluo, visando dar emoção com vista a certa unidade ou essencialidade do poema. Sem descair em banalidades, sem acrescentar retóricas, Carlos de Assumpção procura limpar o texto de cada poema, para fixar apenas a mensagem a que se propõe: protesto. Fico ainda com o poema básico, sua obra densa e agressiva, para impor uma mensagem, ligada a um movimento que estava em fase crescente nas Áfricas, o da libertação e independência, sob o signo da negritude, poesia/filosofia semeada por Leopold Sédar Senghor. PROTESTO foi importante em sua época e continua sendo, pela objetividade de seu conteúdo.

Num artigo "Reencontro com Sérgio Milliet, uma das presenças marcantes do movimento encetado pela Associação Cultural do Negro, proferiu palestra significativa sobre alguns aspectos da poesia negra, com um dos tópicos que merecem reprodução:

"O negro brasileiro cultivou-se, conseguiu penetrar em certas camadas sociais mais elevadas, mas provocou com isso a reação dos brancos que nele principiavam a ver um concorrente perigoso. E os preconceitos se acirraram, como se acirraram os preconceitos contra os judeus a partir do momento em que começaram a brilhar nas ciências, nas letras, no comércio e na indústria. Na medida em que o negro se fortaleceu econômica e culturalmente com mais rancor sentiu a discriminação. Um poeta negro de nossa terra, Carlos de Assumpção, expõe o problema com muita clareza:

"Quero entrar em toda parte
Quero ser bem recebido
Basta de humilhações".

E para alcançar esse objetivo justíssimo, está disposto a gritar,
"como gritam os vendavais - como grita o mar!"
Essa advertência continua a predominar. Cabe-nos encará-la

com muita seriedade, como diria o próprio Sérgio Milliet. Uma advertência que volta à tona toda vez que surgem problemas com o negro. E a poesia de Carlos de Assumpção é invocada com muitos acidentes em que o próprio poeta foi protagonista. Vale o protesto, vale a denúncia, valem os versos, onde cada grito é um pouco de liberdade que deixa de ser angustiada. Que deixa de ser asfixiada e protegida por uma lei que em nada soluciona o grave problema do preconceito.

Carlos de Assumpção regulou o seu termômetro e condicionou sua poesia ao seu universo. Um universo amargo, rude, triste, onde o protesto invoca e evoca uma realidade palpável. PROTESTO representa um instante da poesia brasileira, cuja tônica caracteriza o afro e suas diretrizes. Vale o conteúdo pela força de sua expressão como poesia dura e pura. Um reencontro com o poeta que sensibiliza e emociona, sobretudo, para dizer do meu entusiasmo e admiração pela sua obra, importante e colocada em destaque. Traz a mensagem dos seus para o instante da reflexão necessária e indispensável de um tempo. Carlos de Assumpção lavra o seu protesto para ontem, hoje e amanhã.

Henrique L. Alves
Presidente da Associação Paulista de Críticos de Arte

CHUVA DE ESTRELAS

É assim que ele se apresenta, todo enfeitado de fitas: vermelhas, pretas, amarelas e brancas.

Sua poesia toca um tambor, tambor que bate batuque batuque bate. Assim sua voz ecoa e bate nos corações de quem o assiste. Sua poesia evoca as bravuras de seus avós e conta as histórias de seus irmãos, jogados em senzalas de dor.

De sua voz, seu corpo, seu coração emana a poesia, ele veio ao mundo para protestar. Mentira, ouropéis, nada nada o fará calar. Verbo e som saem de suas entranhas, palavras, construções e tons de dor e amor. Assim ele reúne toda a plateia, que entoa e ecoa sua voz, seu tambor, num toque de reunir todos os irmãos.

Poeta e poesia se confundem, se entrelaçam nesse homem admirável que é Carlos de Assumpção.

Sua obra, sua luta não é em vão: seus poemas, seu ser, sua consciência clamam por justiça, denunciam, levam à reflexão, mostram a condição do negro em nossa sociedade. Ora eles são gritos de rebeldia, ora revelam ligeireza e sagacidade, ora evocam os orixás, ora permanecem na sutileza das imagens metafóricas, ora denunciam as injustiças contra os homens negros, o boia-fria, as crianças, ora ternamente reconhecem a maternidade, amam as mulheres e derramam sobre nós uma chuva de estrelas.

Assumpção, seus poemas vieram para ficar. Bastasse ter escrito, somente, Protesto, ele já diz tudo sobre a essência da negritude e sobre a diáspora dos africanos.

Pela segunda vez, através da UNESP, temos a honra de colaborar com a publicação de sua obra. A primeira edição foi publicada através do Grupo Veredas em 1982, a segunda edição revista e ampliada foi publicada pela Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP de Franca, em 1988 e lançada durante o evento “Zumbi Vive”. Agora essa terceira edição, novamente ampliada, feita em formato de bolso, publicada em conjunto pela UNESP e pelo poeta, em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra, lançado no evento IV Semana da Raça, no ano 2000.

Franca, 27 de setembro de 2000.

Irene Sales de Souza
Vice-Diretora da UNESP
campus de Franca/SP

CAMINHADA

Uma manhã,
quando o sol rasgava as nuvens
Com vigor inusitado,
O dia se espantou:
Lá do alto de uma colina,
Batendo seus tambores,
— Deus meu!
Um homem da cor do breu
Examinava a cidade a seus pés
Como a querer conquistá-la.
Queria, sim e de fato.
E de fato a conquistou.
O estranho chegara cedo,
Antes de o sol despontar,
Vindo da mãe África,
De regiões ancestrais.
Seu propósito era claro:

Alcançar a liberdade
Que se fora aprisionada
Pela insensibilidade,
E pela velha intolerância.
Desde a sua chegada,
Com voz de fogo,
Foi construindo Protesto,
Instrumento poderoso que derretia
Grilhões e algemas.
Carlos de Assumpção
Lhe chamavam os homens.
E eu te asseguro que sua voz possante
Será para sempre vista, passeando,
De mãos dadas com a liberdade,
Por sobre os bosques
E os mares.

Luiz Cruz de Oliveira

POESIA SOPRO DE VIDA

Começar a ler um livro é como entrar em trabalho de parto.
É somar prazer e dor e abrir portas para uma nova vida.

Ler os textos de Carlos de Assumpção é um “auto-parto”.
Cada um deles vai nos revelando, com a força da vida, da verdade
e do belo, uma parte essencial de nossa alma ou de nossa ação.
Cada palavra, cada verso vai desnudando o nosso eu negro, o nos-
so eu branco. Mais que isso, cada palavra, cada verso, cada texto
vai animando o nosso eu branco/negro/negro/branco, fazendo
com que corpo e alma vibrem, por fim, esse “tambor dentro do
peito”, esse “tambor que bate o toque de reunir todos os irmãos
de todas as cores”.

E eis-me aí renascida. Com uma história presente.
Mais consciente.
Mais humana.
Com “um tambor dentro do peito”.

Obrigada por isso, SENHOR POETA Carlos de Assumpção.

Regina Helena Bastianini

apreciações

LITERAFRO - www.lettras.ufmg.br/literafro
Carlos de Assumpção: resistência e afirmação do negro

Zélia Maria N. Neves Vaz*

Eu sou a noite
Sem destino
Esbofeteada pelo vento
Nesta selva branca

Carlos de Assumpção, ao tentar perceber a que se prende a obra *Quilombo*, de Carlos de Assumpção, deve-se ter em mente que o autor encarrega-se de um universo poético o qual perpassa o âmbito da literatura marcada por uma forte militância, pela crítica ao preconceito enraizado na cultura brasileira e ainda pela afirmação ou recuperação da identidade negra perdida. Outros aspectos caracterizadores da obra aqui analisada, e que funcionam como formas de se reconhecer a literatura negra – a partir dos pressupostos definidos por Zilá Bernd para esta linhagem – são: “conscientização, comunicação em particular com o sentimento negro, reencontro da verdadeira imagem, visão do negro livre de estereótipos e evidência de uma intencional atitude de resistência” (BERND, 1987: 81). Este último ponto talvez possa ser considerado um dos mais definidores da produção poética de Carlos de Assumpção, uma vez que se encontram em sua obra vários momentos que tratam deste assunto em especial.

Sua poesia está indelevelmente marcada pelo engajamento militante com a afro descendência, como em “Canto dos Ancestrais”: “minhas irmãs, meus irmãos / Os ancestrais fazem de mim seu instrumento.” Essa herança é invocada para emoldurar o comprometimento do poeta com a causa de todos os oprimidos: “Saibam que minha luta / Está enraizada nas lutas dos meus avós / e também saibam que minha luta / Não é só minha / É luta de todos nós.” (1984: 18-9)

Assim, passado e presente são invocados e o eu poético se

coletiviza num nós que clama pelo resgate do papel histórico exercido pela diáspora africana no Brasil. Em “Complexo”, Assumpção denuncia a “nação que tem vergonha de si mesma” e que deseja apagar a presença da cultura afro-brasileira pela via da discriminação racial: “Eu era livre na África / Não vim aqui porque quis / De repente precisaram de braços que construísem este país / E me arrebataram para cá preso em correntes / (...) / Fui eu (repito e repetirei sempre) fui eu quem construiu o que esta nação tem / Não quero saber de coisa alguma / Só sei que esta nação é minha também.” (1984: 19) É este tom militante que caracteriza a maior parte de sua produção. “LITERAFRO - www.letras.ufmg.br/literafro

Como uma outra exemplificação desta poesia de resistência, atentaremos para o poema de maior expressão do autor, importante referência para aqueles que se identificam com a causa da negritude:

Mesmo que voltem as costas
Às minhas palavras de fogo
Não pararei de gritar
Não pararei
Não pararei de gritar
(...)
Senhores
O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia
(ASSUMPÇÃO, 2000: 33)

O poema acima, intitulado “Protesto”, carrega em suas palavras um símbolo de força e reconta a história do negro a partir de seu próprio ponto de vista, superando dessa maneira, a ótica do branco, muitas vezes deformadora do verdadeiro passado dos escravos no Brasil. Esta elite branca que no período escravocrata declarou livre o contingente negro do país “sob ovações e rosas de alegria”, para usar as palavras do poeta, não escapou de ser ironizada nos versos de Carlos de Assumpção. A Lei Áurea é cons-

tantemente discutida pelo autor, detal forma que encontramos referência a ela em quatro poemas no interior de Quilombo. No poema “Lei Áurea”, o caráter irônico evolui para o sarcasmo rebaixador:

Viva a princesa Isabel
Viva a senhora redentora
Agradecimento profundo
à bondosa princesa que em maio
nos deu de bandeja a Lei Áurea
Lei Áurea verdadeiro cheque sem fundo
(ASSUMPÇÃO, 2000: 39)

Percebe-se dessa forma que Assumpção não difunde a imagem positiva da princesa Isabel disseminada na história oficial do país, já que a Abolição da Escravatura beneficiou majoritariamente àquelas pessoas detentoras do poder político e, sobretudo, econômico da época. E, aqueles apontados como “os favorecidos”, se viram em uma “liberdade” que representaria uma exclusão ainda “LITERAFRO - www.letras.ufmg.br/literafro maior, em uma “prisão mais ampla” de “serpentes futuras” (“Protesto”). Nesse sentido, o princípio que afirma: “todos os homens são livres e iguais perante a lei” assim como a ideologia de uma nação una que comporte todos os seus “filhos” de modo harmônico e democrático, certamente nunca existiu na prática. Sempre convivemos com um tipo de discurso que ratifica uma noção de cultura igualitária com a qual todos que dela fazem parte se reconhecem e se identificam. Este discurso, que acaba por fazer parte de um imaginário popular, pode ser explicado no conceito de nação utilizado por Stuart Hall em seu livro *A identidade cultural na Pós-modernidade*:

A nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade’. (HALL, 1992: 49)

Através do fragmento citado, cabe ressaltar que os negros foram impedidos de compartilhar com tal lealdade e identidade, uma vez que o sistema de representação cultural, explicitado acima, está pautado por referenciais majoritariamente brancos. Isto significa dizer que as representações simbólicas, as crenças, os valores, os padrões negros, enfim, tudo que a eles esteja relacionado, não serão compatíveis com o sentido hegemônico de nação. Por outro lado, há os negros que buscam se reconhecer nesse padrão cultural dominante, renegando suas raízes a fim de serem aceitos numa sociedade etnocêntrica que rebaixa e discrimina as manifestações da cultura afro-brasileira. O poeta Adão Ventura, que, assim como Assumpção busca uma literatura afro-descendente que rompa com as imposições do dominador, retrata em seu poema “Preto de Alma Branca Algumas Conceituações” a que se sujeitam esses negros que não se aceitam enquanto tal, procurando uma maneira de inserir-se no mundo do branco se distanciando de suas origens africanas.

Já o poema de Assumpção “Três Quadrinhas” aponta para esta mesma questão, ou seja, trata do negro que tem em comum apenas a cor de sua pele, pois não possui a postura e orgulho de ser afro-descendente: “minha prima é mestiça / Não é negra como eu sou / Alguém a chamou de negra / Minha prima desmaiou”. Na próxima estrofe o poeta salienta que para ser considerado negro não basta apenas o fator fenotípico, é preciso ir além, ser preto é mais uma questão interna que propriamente social: “ser negro não é ser preto / Ser preto não é ser negro / Cor de pele não é tudo / Negro é quem se sente negro.” (ASSUMPÇÃO, 2000:17) “LITERAFRO - www.lettras.ufmg.br/literafro

Carlos de Assumpção busca uma identidade com a qual o negro possa verdadeiramente encontrar-se, valorizar-se e ser aceito, recria uma perspectiva divergente daquela dos brancos, convoca os pertencentes de seu grupo para que tomem consciência de quem são e de sua cultura. Ele objetiva desconstruir um universo de preconceitos enraizados na sociedade que transitam até mesmo entre os próprios negros, que assimilaram uma maneira de pensar e sentir branca. Em seu poema “Que negros somos nós”, é evidente o alerta de Carlos de Assumpção com relação àqueles que ainda

não despertaram para a realidade de união e luta contra os que massacram os símbolos, as memórias e as raízes concernentes à negritude:

Que negros somos nós que descrentes nos envergonhamos da nossa religião que nós muitas vezes chamamos de feitiçaria folclore mitologia

(...) Que negros somos nós principalmente os de movimentos negros que dizemos combater preconceitos e temos às vezes mil preconceitos no peito

(...) Que quando conseguimos boa situação na vida tantas vezes nos isolamos em torres de marfim ou casamos com pessoas brancas só porque são brancas

(...) Que negros somos nós que desvivemos desunidos desconfiados uns dos outros por aí sem rumo sem líder nenhum Que negros somos nós que não mais empunhamos a espada afiada de Ogum. (ASSUMPÇÃO, 2000: 49)

Pode-se perceber que Carlos de Assumpção aponta para o complexo e longo caminho a ser percorrido a fim de que o preconceito não mais exista. Compromissado com tal questão e consciente da difícil realidade vivenciada pelos afro-descendentes, o poeta insiste no problema e coloca em discussão agora o que significa ser negro no Brasil, país onde se afirma existir uma democracia racial, mas o que verificamos na prática é a predominância do racismo: “de repente / Duma viatura / Saltam sobre mim / Vários policiais / (...) / Não me pedem documentos / Não me perguntam nada / Basta a minha cor.” (Assumpção, 2000:27). Constatamos neste fragmento o caráter inverossímil do discurso que perpetua a ideia da harmonia entre as raças, pois o poema mostra claramente a polícia a serviço do preconceito. Assumpção retrata também como ocorre o impedimento de inserção do negro em uma sociedade, que se diz igualitária, como foi dito anteriormente, mas que não o aceita enquanto ser capacitado, “Questão de Sorte” é um exemplo de tal problemática: “LITERAFRO - www.lettras.ufmg.br/literafro

O negro era inteligente
O branco não
O negro era culto
O branco não
O negro era educado
O branco não
O negro era capaz
O branco não
Foram juntos pedir emprego
A uma mesma repartição
Umhas três vagas havia
Fizeram sua inscrição
Decisão
O branco foi contratado
O negro não.
(ASSUMPÇÃO, 2000: 69)

Nota-se, então, que a discriminação racial sobrepõe-se à capacidade intelectual do afro-descendente, a tal ponto que a sociedade não o aceita mesmo quando este possui preparo e conhecimento superior ao do branco. No texto, o advérbio “não” aparece vinculado inicialmente à esfera semântica do branco, como forma de destacar os predicados do candidato negro junto ao mercado de trabalho. Mas o advérbio retorna no final para assinalar a negativa recebida por este no momento da contratação. “Questão de Sorte” ganha assim um forte componente irônico, que indica a permanência da discriminação no cotidiano dos afro-brasileiros.

No poema “Ponte de Ouro” percebe-se uma certa melancolia por parte de Assumpção. Através de seus versos, o eu-lírico nos deixa a impressão da impossibilidade de termos um país livre de preconceitos: “vou-me embora... Voume embora... / Ninguém escuta meu grito. / Tenho uma ponte de sonho / De minh’alma pro infinito.” O poeta sente-se descrente com relação aos brancos, os quais seu grito não consegue sensibilizar: “vou-me embora, estou cansado, / Cansado, irmão, vou-me embora. / Com tantas almas de pedra / É inútil esperar a aurora...” (Assumpção, 2000: 63). Porém, na poesia intitulada “Resistência”, encontrada nas páginas

finais de seu livro, o otimismo predomina, principalmente no que diz respeito ao destino de sua raça: “em toda parte / Muitas mãos de ébano / Estão tecendo o destino da Raça / Sei que não vou desaparecer / Não tenho mais medo da morte / não tenho mais medo de nada / Tocai tambores tocai / Tocai tambores da alvorada.” (Assumpção, 2000: 87) O sujeito de enunciação festeja, pois acredita que o som de seus tambores, a consciência negra, resiste diante de inúmeros obstáculos. Os afro-descendentes, atingidos por esta música, estão contribuindo para que a igualdade de direitos, apresentada metaforicamente no poema por meio do signo “alvorada”, possa, enfim, ser uma realidade. “LITERAFRO - www.letras.ufmg.br/literafro Assim, a militância caracteriza o cerne da poética de Carlos de Assumpção.

Porém, em alguns momentos do livro Quilombo, sua poesia perde a contundência política para ganhar um tom lírico. Em “Mulher Negra” encontramos a exemplificação desta afirmativa: “eu canto a tua beleza / A noite de tua pele / A lua estelar de teus olhos oblíquos / O chocolate de teus lábios grossos / O luar de teu sorriso / Os teus cabelos que não se desalinham / Ao sopro do vento”. (ASSUMPÇÃO, 2000: 51) Percebemos um fator relevante no que diz respeito ao ponto de vista adotado por Assumpção ao se referir à mulher afro-descendente. O campo semântico construído apresenta-se na poesia como forma de valorização desta figura feminina, por exemplo, no momento em que ele associa o “chocolate” aos “lábios grossos” da negra. Assumpção cria, assim, um padrão de beleza que, como já é sabido, não possui espaço na estética ocidental. É importante ressaltar também, que esta mulher presente no texto supera os estereótipos da mulata assanhada, da negra a serviço do prazer, e tantos outros que encontramos reproduzidos na sociedade e na literatura brasileira.

Nesta vertente menos engajada de Carlos de Assumpção, não poderíamos deixar de destacar o poema “Prece”, no qual o poeta faz uma paródia da oração “Pai Nosso” em que a referência passa a ser Castro Alves. O eu-lírico pede força, inspiração e a chama da liberdade ao poeta abolicionista: “Castro Alves que estais no Céu / santificado também seja o vosso nome / Olhai por nós

agora e sempre do além / Estendei as mão sobre a cidade / Acendei a chama da liberdade / do amor da fraternidade / (...).” (ASSUMPÇÃO 2000: 45)

A obra de Carlos de Assumpção abrange inúmeros outros temas, igualmente relevantes, mas não trabalhados aqui. Dessa forma, é importante ressaltar nos poemas do livro *Quilombo* a presença da reversão do simbolismo estabelecido pelo universo cultural branco. Em um deles, denominado “Mãe”, o poeta associa a figura materna à noite transformando-a em símbolo positivo, desfazendo-se da visão estereotipada que permeia o imaginário de muitos.

Verifica-se também a existência da música que se apresenta nos vários poemas como forma de unir os negros, como forma de libertação e como resistência. Há ainda referência a Zumbi e aos orixás do candomblé, sempre de forma engrandecedora. No prefácio do livro *Quilombo*, Irene Sales de Souza retrata muito bem a que vieram e o que representam os poemas de Carlos de Assumpção:

Sua obra, sua luta não é em vão: seus poemas, seu ser, sua consciência clamam por justiça, denunciam, levam à reflexão, mostram a condição do negro em nossa sociedade. Ora eles são gritos de rebeldia, ora revelam ligeireza e sagacidade, ora evocam os orixás, ora denunciam as injustiças contra os homens negros, o bóia-fria, as crianças, ora ternamente reconhecem a maternidade, amam as mulheres e derramam sobre nós uma chuva de estrelas. (SOUZA, Irene Sales de. In *Quilombo*, 2000) “LITERAFRO - www.lettras.ufmg.br/literafro * Graduanda em Letras pela UFMG

Referências Bibliográficas:

- BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- HALL, Sturat. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- http://bayo.sites.uol.com.br/poemas_carlosassumpcao.htm
- Cadernos negros 7 poesia. São Paulo: *Quilombo hoje*, 1984

LITERATURA E AFRODESCENDÊNCIA NO BRASIL: antologia crítica - Vol. 1

EDUARDO DE ASSIS DUARTE

Carlos de Assumpção, um dos decanos da poesia de protesto do século XX, nasceu em Tietê-SP, em 23 de maio de 1927, sendo parte das primeiras gerações de brasileiros afrodescendentes a ter acesso ao ensino superior. Como Lino Guedes e outros escritores negros nascidos na primeira metade do século, fez inicialmente o antigo Curso Normal, destinado à formação de professores para as primeiras séries do ensino fundamental. Na juventude, passou a residir em Franca-SP, onde obteve graduação em Letras, português e francês, e se tornou bacharel em Direito. Mais tarde, iniciou colaboração na revista literária *Veredas*, no suplemento cultural “Arte Agora” e no “D.O. Cultura”, do *Diário Oficial* do Estado de São Paulo. É membro da Academia Francana de Letras, tendo-se notabilizado como agitador cultural empenhado em levar a literatura a escolas e demais espaços públicos e comunitários. Como parte desse trabalho, dirige o Coral Afro-Franca no e o Grupo Canto e Verso, já tradicionais na cidade. Em 1958, recebeu em São Paulo o título de Personalidade Negra, no contexto dos eventos alusivos aos 70 anos da Lei Áurea, honraria concedida pela Associação Cultural do Negro.

Poeta bissexto, sua produção é marcada pela herança da oralidade recebida dos antepassados. Seus textos carregam um tom declamatório, às vezes inflamado, destinado via de regra às “rodas de poemas” - apropriação afro-brasileira dos antigos saraus e realizada em espaços públicos. É autor do famoso “Protesto”, libelo versificado lido pela primeira vez em 1956 na Convenção Paulista do Negro, e com o qual ganhou o primeiro lugar no Concurso de

Poesia Falada, de Araraquara-SP. O texto marcou época e simbolizou o fortalecimento da poesia afro-brasileira de denúncia e reivindicação, tornando-se referência obrigatória para as novas gerações sendo, ainda, incluído em antologias publicadas em inglês, francês e alemão. O poema dá título ao volume homônimo, de 1982, em que escritos de fundo político predominam.

A sonoridade corriqueira, o registro coloquial, o ritmo, a rima, o vocabulário, tudo visa ao efeito fácil, à absorção imediata e sem dificuldades. Das imagens às-quadras e redondilhas previsíveis, Carlos de Assumpção constrói uma poética que opta abertamente pela repetição e até pela redundância, pois o projeto que a sustenta não busca a fala difícil, a imagem rebuscada, a opacidade verbal levada ao extremo da não comunicação. Movido por uma consciência comunitária indignada e por uma perspectiva não conformista, seus poemas põem o dedo na ferida social do racismo: “Riram de nossos valores/Apagaram os nossos sonhos/ Pisaram a nossa dignidade/Sufocaram a nossa voz/Nos transformaram em uma ilha/Cercada de mentiras por todos os lados”.

Esse tom assumidamente retórico e transitivo, em que um “eu/nós” se opõe explicitamente a um “eles” identificado ao poder, aponta para as urgências de uma sociedade multiétnica ainda distante da democracia racial e marca do princípio ao fim a escrita do poeta de Franca. Já os momentos líricos, em que louva a beleza da mulher negra e seu amor por ela, figuram como tocantes exceções. Seus textos, o mais das vezes narrativos, como o poema-ícone “Protesto”, poderiam ser cantados por um *rapper* do século XXI: “É Zum/É ZumlÉ ZumlÉ Zumbi/Zumbi de Ogum/Guerreiro de Ogurn/Aqui”. Para finalizar, ouçamos o poeta: “De sonhadores o mundo tem precisão/A vida será céu quando todos os homens/Trouxerem as estrelas aqui pro chão”.